

NOTA ESPECIAL

*In Memoriam:* Giselle Machline de Oliveira e Silva

Por/by Maria Luiza Braga

Quinze dias antes de Giselle falecer, telefonei para ela, como de costume, pela manhã. Quem atendeu foi a empregada e isto me deixou inquieta. Após a fratura da perna, duas semanas antes, a Giselle fizera descer o computador para o andar térreo da casa, alugara uma cadeira de rodas, instalara-se em um sofá e ali trabalhava e respondia os telefonemas. A empregada me tranqüilizou, a Giselle passava bem e tinha ido à formatura do Rogério, um membro da nação Terena, que se formava em agronomia naquele dia. Antes de ingressar na UFRJ, ele morava no sítio da Giselle e Sebastião, que o tinham auxiliado a se preparar para o vestibular. A colação de grau se revestia, então, de significativa importância para a Giselle que, contrariando a vontade dos filhos e amigos mais íntimos, estava determinada a ir “nem que fosse a última coisa a fazer antes de morrer”. Chegou eufórica, telefonou contando todos os detalhes da festa: da dança dos membros da nação Terena que tinham viajado horas para prestigiar o novo agrônomo, dos amigos que revira, do papel de reitora que exercera por minutos. Para mim, este fato é muito emblemático e o reproduzo aqui porque revela alguns traços da personalidade de Giselle, principalmente sua generosidade e entrega irrestrita aos amigos.

Agora que ela já se foi busco na memória os fragmentos dos fatos que vivenciamos juntas e dos que ela costumava me contar. Dos seus primeiros anos de vida em Paris, das férias no campo com os primos, da vinda para o Brasil quando da proximidade da 2ª Guerra Mundial. Pirralha, tivera brigas homéricas no Loide Brasileiro com os outros tripulantes que também retornavam e que não se alinhavam incondicionalmente aos aliados. A preocupação com o social permaneceria e a levaria a militar na Associação dos Docentes da UFRJ, participar de assembléias, greves e passeatas, a se interessar pela Teologia da Libertação e pelo Budismo.

A juventude no bairro do Flamengo transcorreu tranqüila. Narrava as aventuras de bandeirante e ria-se da falta de jeito para dançar. No Jacobina, foi aluna de D. Hélder Camara. Comparava suas aulas a “pérolas jogadas aos porcos”, já que ela e as colegas, naquela idade, não podiam avaliar a estatura do mestre e a profundidade das aulas. Modéstia da Giselle, anos mais tarde, muitas vezes, nas nossas infundáveis discussões, ela repetiria as palavras e lições do antigo mestre.

Às vezes se permitia contar detalhes do namoro com o Sebastião, também biólogo. Começou na FIOCRUZ, onde ela estagiou após concluir o curso de biologia na antiga Universidade do Brasil. Casados, mudaram-se para a UFRJ. Ali cresceram a Bete, a Inês e o Artur. Na Rural lecionava francês e daí para a lingüística foi um pulo.

Ingressou no mestrado recém-aberto no Museu Nacional-UFRJ e em 1974 defendeu a dissertação de mestrado. Encantara-se com o trabalho de Brown & Gilman (1960) sobre os pronomes de tratamento e decidira investigá-los também. Criou, então, testes, estratégias, situações diferenciadas para apreender o emprego dos mesmos no português do Brasil. A preocupação com os dados empíricos e com o tratamento estatístico, o espírito inovador, a capacidade de inventar, facetas do seu trabalho intelectual, já se manifestavam naquela ocasião.

Concluído o mestrado ingressou no Doutorado. Elege como tema de tese os artigos definidos, aquelas palavrinhas tão pequenininhas, no dizer dos filhos da Mary, e tão complicadas! O resultado foi bonito, ela analisa os artigos diacrônica e sincronicamente, coteja o português do Brasil ao de Portugal, investiga gêneros discursivos diversos. Retornou ao mesmo tema com a Dinah e era um dos nossos projetos comuns, tantas vezes postergado.

A conclusão do doutorado foi em 1982. Antes ela e outros orientados e orientandos do Naro criam o projeto de pesquisa hoje conhecido como PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). No começo chamava-se Censo da Variação Lingüística no Rio de Janeiro e tinha como preocupação mais imediata a criação de um acervo de dados capaz de fundamentar empiricamente as análises a serem desenvolvidas pela comunidade científica. ‘Sólida e tranqüila como as montanhas’, esteve presente em todas as fases: projetou a amostra, formulou o questionário que iria orientar as entrevistas, digladiou-se com

as entrevistas e transcrições, aparou as arestas internas, auxiliou no salto qualitativo que gerou o PEUL.

Findada a fase heróica de coleta e transcrição de dados, pudemos mais tranqüilamente analisar o rico material de que dispúnhamos. Com a Alzira, recém chegada de um pós-doutorado, começa a investigar os marcadores discursivos e esta foi uma das suas últimas e mais fecundas paixões intelectuais. Passa, então, a analisá-los também no Projeto da Gramática do Português Falado no Brasil, primeiro como membro do Grupo de Sintaxe II, depois como integrante do Grupo de Lingüística do Texto.

Sua trajetória foi sempre permeada pelo rigor científico e preocupação metodológica. A paixão pela sociolingüística variacionista, despertada em 1975, quando do primeiro curso oferecido pelo Naro na PUC-RJ, levou-a a ministrar cursos em diversas universidades brasileiras, a oferecer consultoria a outros projetos, a ser coordenadora do GT de Sociolingüística da ANPOLL, a organizar um dos números da revista *Estudos Lingüísticos* do IEL-UNICAMP, junto com o Tarallo, o amigo querido, a orientar bolsistas de iniciação científica, aperfeiçoamento, mestrands e doutorandos, a participar de congressos no Brasil e no exterior, a ser coordenadora do PEUL, a organizar, junto com a Marta Scherre, o livro *Padrões Sociolingüísticos*, postumamente publicado.

Quando o Rajan me pediu que escrevesse estas notas sobre a Giselle, aceitei imediatamente. Sabia que ia doer, mas não podia me furtar de fazê-lo. Tive o privilégio de conviver com ela por muitos anos, éramos grandes amigas e cúmplices, acho que cheguei a conhecê-la relativamente bem. Cabia, então, a mim testemunhar para os outros, mais do que a Giselle intelectual, a Giselle pessoa. Se, na dimensão em que se encontra, ela tomar conhecimento do que escrevi, tenho certeza de que vai dar um muchocho, sorrir meio sem graça e ficar vermelhinha, vermelhinha.

BROWN, R. & A. GILMAN (1960) The pronouns of power and solidarity. In P. P. Giglioli (Ed.) *Language and Social Context*. Baltimore: Penguin Books Ltda.

SILVA, G. M. O. & M. M. P. SCHERRE (1996) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro.